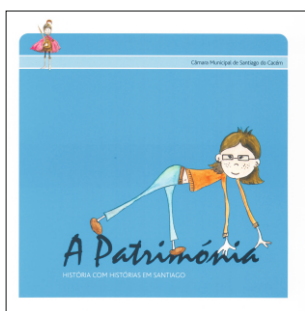




Santiago do Cacém

Publicações



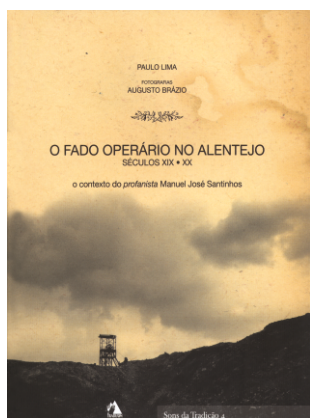
História com Histórias em Santiago

Carlos Sobral
Donabela Guerreiro
Eduarda Joyce
Ano: 2005

Edição: Câmara Municipal de Santiago do Cacém/Divisão Sócio Cultural/ Serviço de Património Cultural.

A Patrimónia - História com Histórias em Santiago é um livro infanto-juvenil cujo objectivo é dar a conhecer o centro histórico da cidade, com relevância para o património construído, envolvendo diversas personagens históricas, de diferentes épocas, apresentadas pela Patrimónia, uma menina de hoje. O livro é profusamente ilustrado com aguarelas e, conta ainda, com diversos passatempos, relacionados com a informação que é facultada pelo texto.

A obra nasceu para apoiar um projecto de visitas guiadas ao centro histórico que, naturalmente, se vai desenvolvendo. As suas personagens ganham vida, saem do livro e interagem umas com as outras e com os jovens visitantes, permitindo-lhes um maior conhecimento da história local e motivando-os para a necessidade de preservar o nosso património construído.



Fado operário no Alentejo: séculos XIX e XX. O contexto do profanista Manuel José Santinhos

Paulo Lima (texto)
Augusto Brázio (fotografia)
Ano: 2004

Edição: Tradisom (Vila Verde).

No ano em que se completa o centenário do nascimento de Manuel José Santinhos (n. Santo André: 1905; m. Santo André: 2001), um dos poetas *populares* mais espantosos do século XX português, a Câmara Municipal de Santiago do Cacém não só apoiou e lançou um livro sobre este autor, como deu o seu nome à nova Biblioteca da cidade de Santo André.

Uma e outra coisa são fundamentais para que a sua vida, a sua obra e ética poética se não percam.

Manuel José Santinhos, ou Manuel José do *Tojal*, foi um médio agricultor cuja história se confunde, e poderá servir de entendimento, para a história recente de Santiago do Cacém, e em particular de Santo André. O percurso agrícola da sua família mostra as estratégias económicas emergentes do uso da terra até aos anos setenta; constituiu um caso paradigmático da expropriação feita pelo Gabinete da Área de Sines.

Mas se é importante uma biografia para o entorno da sua arte poética, é nela, na poesia, que se revela uma figura ímpar na história portuguesa, porque através desta revela-se muito de um ignorado circuito que o seu estudo ajuda a levantar.

Visto como um poeta dono de uma estranha obra, esta foi sempre olhada de modo particular: um homem analfabeto, fechado num mundo rural e confinado a um tempo lento.

O Sul de Portugal é caracterizado, no campo da poesia popular, pelo recurso à décima, uma estrutura de dez versos heptassilábicos cuja rima é quase sempre ABBAACDDC (podem surgir algumas variantes), tal um mote em quadra.

Obrigatoriamente, cada décima deve terminar com um dos versos do mote.

A décima corre não só em Portugal, como em Espanha, e é muito comum na América Latina.

Mas a obra poética de Manuel José Santinhos se recorria à décima usual na Região do Alentejo, recorria também a estruturas anómalas: sextilhas glossadas em sextilhas, quadras glossadas em quadras, estâncias de quinze versos que glosavam sextilhas, décimas com dupla e tripla cesura que desenvolviam motes também de dupla e tripla cesura.

Os autores que anteriormente se tinham debruçado sobre a sua obra tinham sempre chegado a uma única conclusão: era, em grande parte, criação particular do poeta Manuel José do *Tojal*.

Tal afirmação entrava em contradição com dois aspectos: a) o autor sempre negou tal invenção; b) sempre afirmou que a sua obra era para ser cantada em Fado.

Foi esta pista que o livro agora editado seguiu.

Longe das discussões sobre a origem do fado, uma coisa é certa: esta canção urbana de oitocentos, começa, por volta dos anos sessenta do século XIX, a ser usada como canção de protesto dos operários lisboetas. O fado, que até aí é um simples improviso, começa a ser alvo quer de uma melhoria da música, quer, num evidente investimento intelectual, a ter, também, uma melhoria no campo poético. E é neste campo, o poético, que o fado, que podemos denominar como operário, se torna algo espantoso: nele vão colocar toda a teoria poética existente, popularizando formas, que depois vão ser complexificadas até ao esgotamento. Este movimento de uso do fado como canção de intervenção, e de educação, não se confina a Lisboa. A partir de finais de 1800 e durante as primeiras décadas de novecentos, operários de Lisboa, e de Setúbal, percorrem o País, e em particular o Alentejo, cantando fados operários de índole anarquista, sindicalista, republicana ou comunista, com o objectivo de catequizar socialmente as classes rurais dos campos.

No Sul de Portugal vão deixar não só a ética como as estruturas cantadas, que ao longo do Século XX vão perdendo a componente musical. Manuel José Santinhos, natural de Santo André, poeta, fadista e improvisador, permitiu, através da sua obra poética, não só desocultar um universo desconhecido da história do fado, como mostrar que a cultura popular da Região do Alentejo move-se de uma forma aberta e disponível às inovações. Manuel José Santinhos, pela idade que transportava assistiu a esta circulação entre o mundo operário de Lisboa e o mundo rural em que vivia, fazendo, pois, a ligação entre os dois mundos.

Assim, a sua obra é um exemplo fantástico do sincretismo cultural, que muitas vezes não queremos ver, presos num olhar demasiado tradicional que a realidade vivencial das pessoas, das ideias e das coisas ultrapassa.

A Câmara Municipal de Santiago do Cacém, ao propor incentivar e apoiar a construção deste livro, não só homenageou uma figura maior da sua história local, como prestou um inestimável contributo para a história recente do nosso País.

INFORMAÇÕES

Museu Municipal de Santiago do Cacém

Contactos: Praça do Município, 7540 Santiago do Cacém.

Telefone: 269827375

E-mail: cmsc.bib@mail.telepac.pt

Horário: de Terça a Sexta, das 10h às 12h e das 14h às 17h;

Sábados e Domingos, das 14h às 17h. Encerramento às Segundas Feiras, feriados nacionais e municipais.